

“A central de risco é vital para os bancos”

Amílcar Silva, que assumiu o cargo de novo presidente da Associação Angolana de Bancos (ABANC), no dia 22 de Maio, promete uma instituição mais interventiva. “Pese embora o excelente desempenho das anteriores direcções, muito elogiadas por todos, a ABANC vai acompanhar mais de perto as incidências do mercado, visando a sã concorrência e actuando como um parceiro estratégico das autoridades do país”, afirmou à EXAME o presidente Amílcar Silva.

O crescimento do sector bancário nos últimos anos justifica a postura dinâmica. Os números falam por si. No ano 2000, o sector empregava 2200 trabalhadores e existiam 43 agências. Hoje, são mais de 10 mil e 723 balcões, a maioria dos quais concentrada na província de Luanda (61%). Por outro lado, enquanto no princípio da década a banca somava 280 milhões de dólares de capital social e 394 milhões em reservas; hoje, o capital social avalia-se em 1,003 mil milhões de dólares e as reservas ficam na ordem de 1,325 mil milhões.

Com duas dezenas de bancos comerciais, Angola é o terceiro centro bancário do continente africano, depois da África do Sul e Nigéria. Amílcar Silva considera que o sector bancário tem registado uma grande evolução qualitativa, mas reconhece que ainda há um longo caminho a percorrer: “O nível de bancarização do país tem conhecido progressos consideráveis, mas ainda está aquém do necessário.” Apesar dos investimentos realizados, “o sistema encerra fragilidades decorrentes de um crescimento acelerado, com reflexos na gestão das operações e no atendimento ao cliente”.

A central de risco será um dos aspectos que, segundo Amílcar Silva, vai contribuir largamente para credibilizar o sistema bancário angolano. “Trata-se de um instrumento imprescindível e de inestimável valor para os bancos”, defende. Como é sabido, parte das dificuldades da banca em Angola advém do pouco conhecimento que disponível sobre o cliente. Na opinião de Amílcar Silva, a central de risco vai obrigar a banca a “aprimorar os seus métodos de gestão, de uma forma contínua e moderna”. Segundo o presidente da ABANC, “a oferta de crédito obriga ao conhecimento profundo da vida financeira do cliente, assim como da sua capacidade para gerir o capital emprestado”.

A central de risco vai obrigar não só à partilha de informação entre as instituições bancárias, como também à transparência dos agentes económicos, no que se refere, por exemplo, às estruturas accionistas das empresas, um facto que ainda é rodeado de algum secretismo em Angola. Amílcar Silva acredita que não vai haver “qualquer tipo de constrangimento por parte das instituições que venha a limitar, ou até a condicionar, a criação de uma central de risco”.

O presidente da ABANC recorda que “os bancos estão obrigados ao sigilo bancário, organizam-se para esse efeito e sabem gerir as informações decorrentes desses procedimentos. A central de risco vai contribuir largamente para a credibilização do sistema bancário”.